The Gift of
The Associates of
The John Carter Brown Library

NA MORTE
DO
SERENISSIMO SENHOR
D. JOSÉ
PRINCIPE
DO BRAZIL,
ELEGIA.

LISBOA

Na Officina dos Herdeiros de Domingos Gonçalves.

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

Com Licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

RPJCB

NImphas desta espeçura, que algum dia
Me ajudaste acantar justos Louvores,
D'hum Principe, que foi nossa alegria:

Hoje, damagoa nos Crueis ardores;
Entoemos canções, cuja tristeza,
Se misture nos funebres clamores:

Cantemos versos, que a sua natureza
Seja fazer subir dos nossos peitos,
As lagrimas precizas, nesta impreza,

Lamentemos da morte os seus effeitos,
Da morte inexhoravel, que atreuida,
Nos roubou dos prazeres os direitos,

Aminha lyra eburnea suspendida
Já fica n'hum salgueiro, e ascordas d'ouro
Já lhe arranquei, já está desguarnecida.

Aminha fronte, do Apolinco louro,
 Nunca mais cingirei, trifte cyprefte;
 Servirá aos meus verffos de defdouro.

Naõ quero da Poezia, odom celefte,
 Tudo abandono, que naõ feja pranto,
 Pois he bem, que a Permeffo hoje detefte.

Já cheio de afflicçaõ cheio de efpanto,
 Sinto, que ador no coraçaõ fe exalta,
 Porque a dura faudade pode tanto.

O noffo amado Principe nos falta,
 já naõ veremos mais o feu femblante
 Que a maõ da Providencia tanto efmalta.

Faltou-nos todo o bem, naquelle inftante,
 Em que a morte tyrana o arrebata,
 Nos trefpaffou de golpe penetrante.

Infeliz dia, a hora mais ingrata,
  Que no giro dos tempos veio ao mundo,
  Que eternamente apena nos dilata.

Eſte dia de horror o mais profundo,
  Devia já dos annos ſeparar-ſe,
  E naõ ſer nunca mais dia jocundo.

E ſe vier devia de inlutar-ſe
  De nevoa eſcura, de vapores denſos,
  Sem nelle o claro Sol nunca moſtrar-ſe.

Os Aſtros todos, pelos Ceos imenſſos,
  As ſuas direcções parar deviaõ,
  E neſte horrivel dia eſtar ſuſpenſos.

Quando ó charo Principe deziaõ,
  Que vos ereis hum Principe prefeito,
  Que em nós, as voſſas luzes reflectiaõ.

Eu

Eu ſentia gellar-ſe-me no peito,
  Aquella doce gloria que intretinha,
  Toda aminha alma com ditozo effeito.

Quantos ſuſtos da morte eu ſempre tinha;
  Pois que deſta cruel todo o exercicio,
  He ſer para as virtudes taõ meſquinha.

Deixa viver na terra o torpe vicio,
  Os homens máos os monſtros ſanguinarios,
  Naõ quer dos virtuoſos, que haja indicio.

Vivem annos ſem conto os uſurarios,
  Os aſaſſinos, barbaros flagellos,
  Os perfidos, injuſtos, temerarios.

Saõ victimas, os Titos, e os Metellos,
  Os homes bons, de quepreciza aterra,
  Só moſtra para eſtes os diſvellos.

Sempre continuamente nos faz guerra,
Cortando-nos em flor toda aventura,
Só com diſgoſtos, e aflicções aterra.

Tu levaſtes, ó morte a cerba e dura,
Hum Principe taõ bom, e taõ amavel,
Cega de inveja, á negra Sepultura.

Eſte delicto teu imperdoavel,
Nos faz, que contra-ti nos conſpiremos,
Te fas aos noſſos olhos deteſtavel.

Já tyrana enemiga naõ tememos,
O teu mirrado braço potentozo,
Pois todos com o Principe morremos.

Já eſſe teu ſemblante pavorozo,
Nenhum medo nos faz antes amorte,
Seria novamente hum fim ditozo.

Bem

Bem ſabemos, que lá na eterna Corte,
  Entre os choros Angelicos, gozando
  Elle eſtá melhor trono, emelhor ſorte:

Bem ſabemos, que os hymnos entoando,
  Louvado Creador, a maó benigna,
  Que as virtudes lhe eſtá abenſoando.

Porem ſe a todo o tempo era bemdigna,
  A ſua alma dever hum Deos Immenſo,
  Que agloria aos virtuoſos ſó deſtina.

Se o noſſo grande amor, o amor intenço,
  Todo eſte bom Princepe atrahia
  Tiveras eſte golpe inda ſuſpenço.

Deixaras, que nadoce companhia,
  Daquelle bem que a ſorte nos fizera,
  Elle a todos encheſſe de alegria,

Neſ-

Neſſe teu tribunal, ó morte fera,
  As ſentenças á arriſca ſe executam,
  Que o noſſo Pai comum livrar pudera:

As vozes, e os clamorés, naõ ſe eſcutaõ,
  Tu és ſurda aos gemidos dos viventes,
  E contigo debalde elles diſputaõ.

Sem dó das noſſas lagrimas ardentes,
  Que vias derramando ſó de ſuſto,
  Nas aflicções que tinhamos urgentes:

Vendo, que padecia o noſſo Auguſto
  O noſſo amado Principe os tromentos,
  Daquelle mal cruel do mal injuſto.

Vias barbara, os noſſos ſentimentos,
  E com tudo obſtinada duplicaſte,
  Com ſua morte os horridos Eventos,

Tu na pena mais grave abandonaste,
 Hum Reino dezolado de amargura,
 Tu gemendo entre magoas o deixaste.

Naõ te moveo do Principe o figura,
 A incomparavel graça, e gentileza,
 A candidés do genio, e a brandura.

Tu vias que impenhada anatureza,
 Debuxou no seu rosto a Magestade,
 Entre os raios brilhando da beleza.

Tu vias os effeitos da bondade,
 Na sua natural beneficencia,
 Respirando a virtude, e aprobidade,

Naõ respeitastes a megestosa essencia,
 Daquelle coraçaõ, onde mostrava,
 A obra singular da Provindencia.

On-

Onde terno , a pobreza agasalhava ,
Aonde só morava o Cristianismo ,
Onde amancha de vicio naõ entrava.

Nas sciencias, e artes hum abysmo,
Caminhando compassos de gigante,
Para agloria immortal , para o heroismo.

O seu amavel seu gentil semblante,
Para todos alegre , e compacivo ,
Para todos taõ doce , e taõ amante.

Sem que nunca omovesse algum motivo ,
A perder oequilibrio da constancia ,
Nada foi de infadar-se o incentivo.

Tu vistes no seu mal atolerancia ,
Quanto se conformou com a dura sorte ,
Doutrina que guardou da tenra infancia.

Fugindo dos mortais, os triſtes damnos,
  Já ſabe quauto pode a caridade,
  Quanto valle a virtude nos humanos.

Mas naõ pode privar-nos da ſandade,
  O eſtado felix em que o contemplo,
  Ditoſo para toda etrenidade.

Da Sagrada Siaõ no eterno templo,
  Elle triumphante entrou, mas cá na terra,
  Falta para modello o ſeu exemplo.

Teme o pobre da fome a Crua guerra,
  Depois que vio aquella maõ gellada,
  Que adeſventura para todos cerra.

Toda a Real Familia conſternada,
  Todo o Reino chorando as ſuas magoas;
  De lagrimas aterra tem regada.

Mas tu, ó crua, ó implacavel morte,
 Nada te comoveo essa dureza,
 Nada embotou da negra foisse o corte.

Ah! tu bem viste o quanto te despreza,
 Que o teu semblante horrendo o naõ afusta,
 E que a sua alma mais que o trono préza.

Que a sua conciencia, era taõ justa,
 Que morrendo na flor da sua idade,
 Dei.ar Regias grandezas naõ lhe custa.

Por isso na suprema Eternidade,
 Gozando está da inefavel gloria,
 Na prezensa da Eterna Magestade.

Do falço mundo, Conseguio victoria,
 E o seu nome nos fastos Luzitanos,
 Será objecto de immortal memoria.

05-81

Todos ardem de pena, em vivas fragoas,
E a the o mesmo Tejo de sentido,
Mandou já turvas cristalinas aguas.

Tudo está de disgosto combatido,
O mar geme nas praias a sustado,
Ouvindo detal pranto o a larido.

Asim quizestes morte, e o duro fado,
Do nosso bem, mostrando-se invejozo,
Contigo contra nós foi conjurado,

Porem o amavel Principe Famoso,
Desta vida mortal, e tranzitoria
Passou pára outro Imperio gloriozo.

Suas virtudes na mais Longa historia
Seraõ no vasto mundo celebredas
E terna ficara sua memoria
E as suas acções famigeradas.

F I M.

C788
S255d